

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espaço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 2	12
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coelho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 3	22
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	
CAPÍTULO 4	35
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8951919114	
CAPÍTULO 5	47
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8951919115	
CAPÍTULO 6	58
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.8951919116	

CAPÍTULO 7	65
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll Felipe Basso Silva Gabriel Bittencourt de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.8951919117	
CAPÍTULO 8	78
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates Mirela Santiago Santos Rafael Bomfim Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919118	
CAPÍTULO 9	87
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo Anna Marcella Mendes Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8951919119	
CAPÍTULO 10	100
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Valdenora Souza Mota Dayane Rainha da Silva Maria Madalena Pontes Melo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919110	
CAPÍTULO 11	111
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita Patrícia Quitero Rosenzweig Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 12	124
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 13	136
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	

CAPÍTULO 14	146
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus	
Suzana Alves Nogueira	
Larissa da Conceição Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191114	
CAPÍTULO 15	150
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa	
Assíria Marielle da Silva Dantas	
Azilis Camille Pierrel	
Laísa Maria da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.89519191115	
CAPÍTULO 16	163
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
DOI 10.22533/at.ed.89519191116	
CAPÍTULO 17	175
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa	
Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.89519191117	
CAPÍTULO 18	186
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
DOI 10.22533/at.ed.89519191118	
CAPÍTULO 19	195
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89519191119	
CAPÍTULO 20	209
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida	
Carolina da Silva Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191120	

CAPÍTULO 21	217
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
SOBRE A ORGANIZADORA	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA

Maria Juivalda Barbosa

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia
Salvador – Bahia

Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia
Salvador – Bahia

RESUMO: Vive-se, na contemporaneidade, um momento histórico, social e cultural de desenvolvimento de novas constituições familiares que vão além das relações de formato heterossexual, machista e monogâmico. Localiza-se o Poliamor neste contexto, como um movimento que contribui para o desbanque de privilégios masculinos, uma vez que é pautado na relação afetivo-sexual não monogâmica consensual com envolvimento de várias pessoas ao mesmo tempo, independente de sexo ou de gênero e busca da compersão – forma “generosa” de lidar com o ciúme em respeito aos direitos individuais, humanos, afetivos e sexuais. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter exploratório, método qualitativo, revisão bibliográfica em livros e artigos publicados nos bancos de dados SCIELO, BVS e REDALYC. Objetiva-se discutir aspectos do poliamor na relação com a psicologia positiva através do seu construto resiliência. A inquietação motivou a seguinte pergunta de pesquisa: Se o poliamor é marginalizado entre mitos,

preconceitos e intolerâncias, como a psicologia positiva pode contribuir para o enfrentamento de mulheres poliamorosas, tendo em vista que a pressão social incide desigualmente sobre elas? Apresentam-se como resultados que o poliamor representa uma realidade social caracterizada por dificuldades relacionais, entretanto praticantes podem lidar com a situação, aprendendo a equilibrar fatores de risco e fatores de proteção dentro do recurso técnico da resiliência. Sem a pretensão de apresentar algo conclusivo, considera-se a necessidade de ampliação de estudos sobre a temática e enfatiza-se o desafio para psicólogos(as) repensarem convicções, juízos de valor, estranhezas, elementos que poderão surgir e serem confrontados em diferentes espaços terapêuticos.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de Poliamor, Psicologia Positiva, Resiliência.

ACTIVE EXPRESSIONS OF POLYAMOR
AND UNLEASHING MALE PRIVILEGES:
TACKLING POSITIVE PSYCHOLOGY AND
TECHNICAL RESILIENCE

ABSTRACT: In the contemporary world, we live a historical, social and cultural moment of the development of new family constitutions that go beyond heterosexual, sexist and monogamous

relations. Polyamory is located in this context, as a movement that contributes to the unbalance of male privileges, as it is based on a consensual non-monogamous affective-sexual relationship involving several people at the same time, regardless of gender and seeking of compersion – generous way of dealing with jealousy with respect for individual, human, emotional and sexual rights. This is a descriptive, exploratory research, qualitative method, literature review in books and articles published in SCIELO, BVS and REDALYC databases. It aims to discuss aspects of polyamory in relation to positive psychology through its resilience construct. The uneasiness prompted the following research question. If polyamory is marginalized between myths, prejudice and intolerance, how can positive psychology contribute to coping with polyamore women, given that social pressure is unequally on them? The results are that polyamory represents a social reality characterized by relational difficulties, however practitioners can cope with the situation, learning to balance risk factors and protection factors within the technical resource of resilience. Without pretending to present something conclusive, it is considered the need for further studies on the subject and emphasizes the challenge for psychologists to rethink convictions, value judgments, strangeness, elements that may arise and be confronted in different therapeutic spaces.

KEYWORDS: Polyamory Relations, Positive Psychology, Resilience.

1 | INTRODUÇÃO

Desde a revolucionária francesa Olympe de Gouges, na França do século XVIII, com a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” e sua frase representativa no momento de subida à guilhotina: “Já que pode subir ao cadafalso, a mulher pode ir à Tribuna” (ASSMANN, 2007) até os movimentos feministas da contemporaneidade com a brasileira Sueli Carneiro com “Enegrecendo o feminismo”, texto sobre a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro, (CARNEIRO, 2003) a luta das mulheres contra a dominação machista - guardadas as devidas proporções de tempo, espaço, espírito de cada época, percurso histórico - vem se consolidando entre barreiras e enfrentamentos visando a superação das desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais, sem perder de vista a questão complementar: o racismo, em que as construções de gênero e raça passam a ganhar novos matizes entre as particularidades de grupos e o amplo universo da mulher.

Em direção à afirmação de uma sociedade mais igualitária e diversificada, as mulheres, na contemporaneidade, estão ocupando novos lugares, constituindo-se como sujeitas ativas, militantes pela democratização política, inserindo-se, inclusive, em novos arranjos familiares a exemplo do Poliamor, movimento que inclui prática e identidade e surge contra imposições sociais, culturais, políticas e enquadramentos de subjetividades que aparecem como naturais no bojo de uma sociedade patriarcal, heteronormativa e compulsoriamente monogâmica.

Com padrões diversos de relacionamentos e experiências amorosas, o poliamor abre espaço para uma união afetiva e sexual com mais de duas pessoas

de sexos diferentes, sem que haja constrangimento ou traição entre eles, tomando como base ideológica, diálogo, lealdade, respeito, igualdade, não exclusividade no amor e contribuição pública para a inserção da mulher em um lugar de escolha predominantemente masculino. Trasladando do feminismo discutido por Miguel e Biroli (2014) para expressões ativistas do poliamor, “O que está em questão, em todo o debate, é a possibilidade de identificar uma experiência feminina comum a todas as mulheres” (MIGUEL e BIROLI, 2014, p.89).

Objetiva-se, neste trabalho, discutir expressões ativistas do movimento poliamorista focando em contribuições para o desbanque de costumes masculinos e inserção da mulher nas práticas afetivas e sexuais, para compreender como ocorrem a adesão, impactos, escolhas, desejos, angústias, enfrentamentos dentro desse novo arranjo de família oposto à formação familiar histórica e culturalmente determinada pela monogamia compulsória.

A justificativa decorre da necessidade de levar a discussão ao âmbito acadêmico, tendo em vista ser ainda um tema pouco discutido no contexto da formação em Psicologia para que psicólogos/as passem a compreender como este arranjo familiar tornou-se real, como vem sendo experimentado na contemporaneidade, particularmente, para adolescentes e jovens, mas também vem-se tornando motivo de sofrimento quando seus praticantes, em confronto com ideias pré-estabelecidas tomadas como verdades, entram em conflito com seus novos questionamentos, ou seja, quando a aceitação de si esbarra na não aceitação do outro. A proposta torna-se, então, relevante por trazer uma contribuição reflexiva e não conclusiva para que profissionais da Psicologia em futuras intervenções, ao se defrontarem com pessoas ou famílias poliamorosas não deixem de fornecer apoio necessário por conta de preconceitos, juízos de valor, estranhezas ou desconhecimento do assunto.

A metodologia utilizada relaciona pesquisa exploratória, visando maior proximidade com o fenômeno pesquisado através de levantamento de dados bibliográficos (GIL, 1999). Pesquisa qualitativa, enquanto método de investigação científica que aborda o caráter subjetivo do objeto em análise, no caso, o Poliamor em suas particularidades, subjetividades, posicionamentos, comportamentos, crenças, desejos, configurando um universo de significados (CHIZZOTTI, 2006). Insere-se, metodologicamente, conteúdo da Psicologia Positiva através do construto da Resiliência que irá perpassar os resultados e a discussão como forma de propiciar equilíbrio e enfrentamento a praticantes do poliamor em conflitos sociais. Foram consultados artigos em bases de dados, como Scientific Electronic Library (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (REDALYC), em que a internet representa o principal instrumento de interação e divulgação entre pessoas poliamorosas. Utilizou-se também livros, monografias e teses de doutoramento.

2 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora não se tenham dados recentes contabilizados sobre o número de brasileiros em relacionamentos poliamorosos, o interesse pela temática vem aumentando conforme questionamentos e provocações de Pilão (2012), através de suas pesquisas em que apresenta, como contraponto uma espécie de diagnóstico da realidade de casais monogâmicos, levando a problematizações e motivando à pesquisa sobre outras formas de arranjos familiares: “60% dos homens e 40% das mulheres têm relacionamentos extraconjugais. Se a monogamia é nosso estado natural porque ela não é fácil? Atualmente mais de 50% dos casamentos terminam em divórcio” (PILÃO, 2012, p.4).

Costa e Belamino (2017, p.80), ao corroborarem com a pesquisa de Pilão, complementam e provocam: “Mas até que ponto uma relação monogâmica é realmente monogâmica? ”

Impossível discutir o movimento poliamorista sem imbricá-lo no contexto das novas “configurações subjetivas” e/ou formações familiares do século XXI, relacionadas à trajetória histórica, posições, sofrimentos e enfrentamentos dentro das condições concretas da existência, levando-se em conta que as ações humanas são fontes inesgotáveis de sentidos subjetivos e estes alimentam-se e interpenetram-se no fluxo da própria existência, carregando a possibilidade de gerar novos repertórios, novas organizações, mas também novas rupturas e/ou novos formatos de relações sociais. (REY, 2011).

Poliamor: conforme sugere a palavra originária do grego, polis, e do latim, muitos amores, há possibilidade de se amar afetuosamente duas ou mais pessoas ao mesmo tempo para além da relação sexual, com a concordância de todos(as) envolvidos(as), sem competição, sem medição do amor, a exemplo de outras relações familiares em que pais, mães, filhos são amados dentro do mesmo vínculo parental.

O termo Polyamory surge nos Estados Unidos, em 1990, ainda restrito a um público específico, passando a ganhar maior visibilidade, a partir de 1992, em discussão pela internet, sendo traduzido para Poliamor em países de língua portuguesa. No Brasil chega na época da ditadura militar, no contexto dos movimentos que marcaram a busca da liberdade sexual dos anos de 1960 e 1970, quando explodiram o movimento feminista reivindicando equidade de direitos, a organização de homossexuais pela liberdade de expressão, a contracultura hippie, levantando a bandeira da paz e do amor livre. Foram atitudes difusas, mas que convergiram para ação política e, a partir daí, encaminharam-se para mudanças sociais em que o movimento poliamor passou a validar relações afetivo-sexuais com mais de duas pessoas ao mesmo tempo, como um arranjo afetivo possível de ser formado por uma constelação de pessoas (BARBOSA, 2015).

A vivência do poliamor passa pelo sentido inicial de pressupostos básicos: recusa a crença do romantismo amoroso como sentimento universal, invariável histórica

e culturalmente, arraigado no mito do amor romântico; resistência à monogamia compulsória de base heterossexual considerada como o “outro absoluto do poliamor, seu completo oposto” (COSTA E BELMINO, 2015, p. 423).

O afeto, outro princípio norteador, constitui-se como base sólida e efetiva ligada às questões de amor, cuidado, carinho, respeito dentro do mesmo núcleo familiar em que o vínculo afetivo se sobressai em relação à questão sexual, daí o poliamor ser também chamado de Poliafetividade.

Para Pilão (2013, p. 491), o amor representa, simultaneamente, “o quarto princípio da ideologia poliamorista e a base na qual os três outros valores (honestidade, igualdade e liberdade) incidem”. O amor poliamoroso, portanto, não pode ser entendido como algo pré-estabelecido, como o amor romântico surgido no século XIX, mas inserido dentre as novidades do amor do século XX, quando ficam evidentes, por exemplo, as relações virtuais advindas da internet com o amor sendo reinventado, uma vez que, “o amor romântico, idealizado, que prega a ideia de que duas pessoas vão se transformar numa só, nada mais lhe faltando, está presente nas novelas, mas na vida real seus dias estão contados” (LINS, 2017, p. 344).

Trata-se, segundo Regina Navarro Lins, de um amor construído historicamente com base patriarcal, heteronormativo e de monogamia compulsória que vai de encontro às regras que não imobilizam, à não monogamia, à compersão, ao respeito à individualidade, à liberdade afetiva e sexual, equidade de gênero como bases de sustentação do poliamor.

Contraopondo-se à idealização apontada por Regina Navarro, o poliamor inclui outro valor para a prática relacional: a compersão, como um contraponto ao ciúme próprio da relação monogâmica compulsória, sendo ressignificado no contexto poliamorista de não monogamia consensual. Conforme Barbosa (2015, p. 79), “O conceito de compersão, se refere ao sentimento de felicidade que a pessoa tem ao perceber que seu companheiro ou sua companheira está amando ou sendo amada por outra pessoa”.

São pontos que divergem da monogamia, do relacionamento aberto, da prática do swing, da poligamia, considerados formas de relacionamentos menos livres, pois a existência de um relacionamento impede outros. São estas também, tidas como menos igualitárias, uma vez que a monogamia e o swing, na maioria das vezes, privilegiam os desejos masculinos e a poligamia funciona de forma assimétrica e só se refere a um polígamo.

Segundo Pilão (2012), assim como, o poliamor, na prática, se amplia em diferentes configurações, a partir de letras e formas geométricas, a relação em trio é denominada de triângulo com as três pessoas envolvidas se relacionando igualmente. Em forma de V é chamada de pivô, quando uma delas tem relacionamento com as outras duas (estas chamadas de braço), mas as três não se relacionam entre si. O formato em T, em que as três namoram, mas duas tem relacionamento mais forte entre elas e geralmente acontece quando há uma terceira pessoa agregada a um

casal (Figura 1).



Figura 1 – Configurações poliamorosas

Fonte: <https://www.google.com/search?q=gr%C3%A1ficos+poliamor&tbm=isch&tbs=rimg>

Funcionam ainda em forma de quartetos ou quadras em que as quatro pessoas se relacionam diretamente, como também quadras que se configuram em formato de N com dois homens e duas mulheres bissexuais com relações entre elas (Figura 2).



Figura 2 – Configurações poliamorosas

Fonte: <https://www.google.com/search?q=gr%C3%A1ficos+poliamor&tbm=isch&tbs=rimg>

Em grupos, quando todos têm relações amorosas entre si. Interconectados, quando cada membro tem relacionamento distinto dos parceiros, ou seja, os namorados de uma pessoa não são das outras. O formato Mono/Poli é quando o poli mantém relações paralelas, sendo que o mono por opção, só tem um parceiro (Figura 3).



Figura 3 – Configurações poliamorosas

Fonte: <https://www.google.com/search?q=gr%C3%A1ficos+poliamor&tbm=isch&tbs=rimg>

Dentro da formação poliamorista, segundo Pilão (2012), a monogamia seria um valor de menos importância por conta de configurar a ideia de sentimento de posse, hipocrisia, ciúme e, assim, tornar-se um limitador de potencialidades e não ser pertinente a prática do poliamor em sua condição de vínculo livre e busca da compensação.

Entretanto, o poliamor, como um contraponto à fidelidade ritualizada nas cerimônias do casamento cristão, pautada na monogamia compulsória causa estranheza e a experiência que gera prazer também poderá levar a conflitos, tensões, questionamentos de valores para quem se encaminhe em direção contrária ao modelo monogâmico estabelecido, além de desencadear sensação de culpa, atribuída por familiares, amigos e por si mesmo(a) (BARBOSA, 2015).

Ou seja, como a família monogâmica ainda detém privilégios e status materializando a reprodução social e balizando, na família, a propriedade privada, adolescentes e jovens que se envolvam com o poliamor passando a resistir à configuração do eixo familiar tradicional – marido e mulher, pais e filhos - poderão passar por sofrimentos, ideias suicidas, dentre outros (BARBOSA, 2015).

A argumentação de Barbosa (2015) vai ao encontro da visão de Costa e Belmino (2015, p. 425): “Os sujeitos que vivenciam relações baseadas nesta estrutura tendem a ser socialmente isolados devido a sua invisibilidade, identificando alguns medos comuns que, possivelmente, surgem, tais como, perda de amizades, incompreensão, preconceito etc.”.

3 | INTERRELAÇÕES METODOLÓGICAS: PSICOLOGIA POSITIVA E RESILIÊNCIA

A vivência dessa situação permite uma aproximação do conceito de resiliência dentro dos pressupostos da Psicologia Positiva como uma abordagem que tem, como proposta científica, a adoção de uma postura mais direcionada ao potencial de

desenvolvimento, motivação e capacidades humanas para a elaboração de estratégias que levem à ampliação da potência do agir adolescente, enfrentamento psicológico, capacidade positiva de recuperação em condições adversas e vulneráveis (CABRAL E CYRULNIK, 2015).

O pensamento que psicólogos devem dar ênfase às características consideradas positivas e virtuosas, focar não apenas atributos humanos tidos como negativos ou patológicos, constitui-se como princípio básico da Psicologia Positiva. Tem-se como registro inicial, o discurso do então presidente da American Psychological Association (APA), Martin Seligman, em 1988, cujo objetivo, naquele momento, “era persuadir psicólogos a desenvolverem conceitos mais positivos sobre a natureza e potencial humanos, o que iria se concretizar com base no trabalho pioneiro de Maslow e Rogers” (SCHULTZ E SCHULTZ, 2009, p. 425).

A hipótese elaborada por Seligman foi confirmada em pesquisa no banco de dados da PsycInfo, entre 1970 e 2006, em que para a busca da palavra-chave “depressão” corresponderam 110.382 estudos e, pela palavra “felicidade” foram encontrados 4.711 artigos, fato que motivou a publicação na Revista Psychologist, em 2000, assinada por Seligman e Czikszentmihalyi, com apontamentos sobre as lacunas nas investigações psicológicas de aspectos positivos, como esperança, criatividade, sabedoria, dentre outros. (PALUDO E KOLLER, 2007).

Nas últimas décadas, os estudos baseados nos referenciais da Psicologia Positiva apresentam a proposta de instigar o desenvolvimento dos aspectos saudáveis e potencialidades, como habilidades interpessoais, planejamento de intervenções, condições e processos promotores de qualidade de vida. Esta experiência possibilita confrontar dificuldade com oportunidade de viver, retomada do desenvolvimento potencializando a resiliência, enquanto valor fundamental na Psicologia Positiva apontando que o desenvolvimento de aspectos positivos poderá ter tantas probabilidades de análise quanto os negativos podendo gerar experiências satisfatórias (CABRAL E CYRULNIK, 2015).

A resiliência, por sua vez, constitui-se como um conceito prioritário da Psicologia Positiva, por também estar pautado em situações que viabilizam estudos sobre o desenvolvimento sadio e positivo, em que se busca “a elaboração simbólica diante do sofrimento humano” (POLETTI E KOLLER, 2011, p. 25).

A resiliência não pode ser pensada como um atributo fixo ou traço individual, mas como um “conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que acontece em dado período, juntamente a certas combinações benéficas de atributos da criança, da sua família, do ambiente social e cultural” (POLETTI E KOLLER, 2011, p. 24).

Baseado em ideias de Vygotsky que discutem categorias como dimensão histórica, mediação, interação, transição, zona de desenvolvimento proximal (ZDP), linguagem inter e intrapsíquica, dentre outras, o processo resiliente se configura como “técnica social do sentimento” interligando afetos, intelectões, sentimentos, sentidos, mediação do contexto histórico, social e cultural que ativam as zonas

potências do chamado neodesenvolvimento (GOUSSOT, 2015, p. 96) na ação consciente da pessoa que passa a se perceber como ser de comunicação e relação. Assim, o indivíduo resiliente não é então “aquele que se adapta, mas aquele que compreende, que se compreende e continua a pôr em funcionamento sua língua interior para produzir sentido em relação àquilo que vive e viveu” (CYRULNIK, 2015, p. 91).

4 | CONCLUSÃO

O Poliamor como um modelo de relacionamento que abre espaço para que homens e mulheres usufruam das mesmas condições, sentimentos, liberdade afetiva e sexual, deixa implícito um pedido aos homens poliamorosos que, a partir do reconhecimento de seus privilégios históricos, milenares, passem a desconstruir cotidianamente o seu machismo para apoiar a consolidação da autonomia feminina. (CARVALHO, 2017).

Mesmo com esta possível desconstrução apontam Costa e Belmino (2017) que não há garantias que poliamoristas consigam se libertar das barreiras institucionais que atravessam de maneira sutil, ou mesmo intensa, corpos aprisionados por um sistema estabelecido, pois a dominação machista ainda encontra formas perversas de produzir discursos “verdadeiros”.

Ressalta Lins (2017) que a prática do poliamor ou mesmo da monogamia é uma escolha e não significa solução aos problemas surgidos nas relações, até porque o poliamor tem tantos ou até mais desafios que o modelo normativo monogâmico, embora as expectativas não passem pela busca de um amor para sempre e não consideram o outro como única fonte de interesse.

Infere-se que o Poliamor, enquanto arranjo familiar em que todos convivem, se solidarizam, preenchem necessidades diferentes do momento, amplia o modo de vivenciar o amor para as mulheres, entretanto, pela sua forma complexa e de certo modo incompreensível ao olhar treinado da heteronormatividade, impacta, carrega resistência, gera preconceitos, mitos, principalmente quando expande a liberdade no amor para a liberdade sexual, contrariando princípios da família monogâmica tradicional, que “determinam papéis sociais de predomínio do homem (a quem se permite a infidelidade conjugal) e de tolerância/submissão da mulher (a quem a fidelidade é vigiada de forma rigorosa)”. (PEREZ E PALMA, 2018).

Enfim, falar em arranjos familiares, na contemporaneidade, implica em inserir o poliamor no contexto histórico de mudanças, que no recorte deste artigo partiu da atitude “feminista” da francesa Olympe de Gouges no século XVIII, tomou formas concretas na década de 1960 e até a contemporaneidade, poliamor vem trazendo contribuições para a ampliação da perspectiva de um universo familiar naturalizado para uma dimensão de escolha das mulheres, para construção de novas noções

sobre si mesmas, inclusive a de amarem muitos amores e se tornarem poliamorosas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. **Família**: Redes, Laços e Políticas Públicas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ASSMANN, Selvino José (Trad.). **Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã**: Olympe de Gauges. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/911/10852>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BARBOSA, Mônica. **Poliamor e Relações Livres**: Do Amor à Militância Contra a Monogamia Compulsória. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

CABRAL, S.; CYRULNIK, B. **Resiliência**: Como tirar leite de pedra. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Mulher, Mulheres**. Mulheres em movimento. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

_____. **Enegrecer o feminismo**. A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

CARVALHO, Sharlenn. **Feminismo**: Lendo e compartilhando. Machismo Poliamor. Poliamor e Feminismo. Disponível em: <<https://aventurasmentais.wordpress.com/category/poliamor/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

COSTA, T.; BELMINO, M. C. **Poliamor**: Da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman. Revista IGT na Rede, 12(23), 411-429, 2015. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOUSSOT, A. A contribuição de Lev Vygotsky e Georges Devereux para a reflexão epistemológica sobre resiliência. In: CABRAL, S.; CYRULNIK, B. **Resiliência**: Como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 90-116.

LINS, R. N. **O livro do amor**: Do iluminismo à atualidade. 4. ed., v. 2. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

PEREZ, Tatiana Spldini; PALMA, Yáskara Arrial. **Amar amores**: O poliamor na contemporaneidade. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 01 nov. 2018.

PILÃO, A. C. Poliamor e bissexualidade: Idealizando desvios. **36. Encontro Anual da ANPOCS**, GT 32 – Sexualidade e gênero: Sociabilidade, erotismo e política. Águas de Lindóia, SP, 2012. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt32-2/8221-poliamor-e-bissexualidade-idealizando-desvios/file>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

_____. Reflexões sócio-antropológicas sobre Poliamor e amor romântico. **Revista Brasileira de**

Sociologia da Emoção, 12(35), 505-524, 2013. ISSN 1676-8965.

REY Fernandez Gonzalez. **Subjetividade e saúde**: Superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. 9. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895